

DO CONFLITO AO CONFRONTO NA ERA DIGITAL: UMA DISCUSSÃO À LUZ DA PSICANÁLISE

FROM CONFLICT TO CONFRONTATION IN THE DIGITAL AGE: A DISCUSSION IN THE LIGHT OF PSYCHOANALYSIS

DEL CONFLICTO A LA CONFRONTACIÓN EN LA ERA DIGITAL: UNA DISCUSIÓN A LA LUZ DEL PSICOANÁLISIS

*Nádia Laguardia de Lima**

RESUMO

O discurso capitalista, associado à linguagem digital, tem promovido a substituição do conflito pelo confronto. Para a psicanálise, o conflito psíquico resulta de uma contradição intransponível entre o que é exigido pela pulsão e o que é exigido pela cultura. A cultura tem como objetivo regular as relações sociais, mas esbarra na impossibilidade de fazê-lo de forma absoluta. Há um ponto de real insondável que escapa à linguagem que está no cerne do campo psíquico e social. O caráter disjuntivo do discurso corresponde à impossibilidade de qualquer totalização. O discurso capitalista propõe eliminar a impossibilidade através dos objetos do mercado. A indução imaginária favorecida pelo ambiente digital leva ao surgimento de hiperidentidades totalizantes que rejeitam toda diferença. O outro é tratado como um produto do mercado a ser descartado. No lugar do conflito mediado pela palavra, que permite um tratamento da alteridade, surge o confronto, que visa a sua eliminação.

Palavras-chave: capitalismo; digital; alteridade; conflito; confronto, psicanálise.

ABSTRACT

The capitalist discourse, associated with digital language, has promoted the replacement of conflict with confrontation. For psychoanalysis, psychic conflict results from an insurmountable contradiction between what is required by the drive and what is

*Pós-doutorado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, e Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. É professora Associada do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordena o grupo de pesquisa: Além da Tela: psicanálise e cultura digital, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG.

required by culture. Culture aims to regulate social relations but is faced with the impossibility of doing so absolutely. There is a point of unfathomable reality that escapes the language that is at the heart of the psychic and social field. The disjunctive character of the discourse corresponds to the impossibility of any totalization. Capitalist discourse proposes to eliminate impossibility through market objects. The imaginary induction favored by the digital environment leads to the emergence of totalizing hyper-identities that reject all differences. The other is treated as a market product to be discarded. In place of the conflict mediated by words, which allows for the treatment of otherness, confrontation arises, which aims to eliminate it.

Keywords: capitalism; digital; alterity; conflict; confrontation; psychoanalysis.

RESUMEN

El discurso capitalista, asociado al lenguaje digital, ha promovido la sustitución del conflicto por la confrontación. Para el psicoanálisis, el conflicto psíquico resulta de una contradicción insuperable entre lo que exige la pulsión y lo que exige la cultura. La cultura pretende regular las relaciones sociales, pero se enfrenta a la imposibilidad absoluta de hacerlo. Hay un punto de realidad insondable que escapa al lenguaje que está en el corazón del campo psíquico y social. El carácter disyuntivo del discurso corresponde a la imposibilidad de cualquier totalización. El discurso capitalista propone eliminar la imposibilidad a través de objetos de mercado. La inducción imaginaria favorecida por el entorno digital conduce al surgimiento de hiperidentidades totalizadoras que rechazan todas las diferencias. El otro es tratado como un producto de mercado que debe ser desechado. En lugar del conflicto mediado por la palabra, que permite el tratamiento de la alteridad, surge la confrontación, que apunta a eliminarla.

Palabras clave: capitalismo; digital; alteridad; conflicto; confrontación; psicoanálisis.

1 INTRODUÇÃO

Partimos da hipótese de que os discursos hegemônicos atuais, associados à linguagem digital, têm levado os laços sociais à deterioração, promovendo a substituição do conflito pelo confronto com o outro. Para a psicanálise, o conflito psíquico testemunha a divisão do sujeito e pode ser pensado como a presença de uma contradição

intransponível entre o que é exigido pela pulsão e o que é imposto pela cultura. A cultura tem como objetivo regular as relações sociais, mas esbarra na impossibilidade de fazê-lo de forma absoluta. Há um ponto insondável que escapa à linguagem e ao trabalho da cultura, um resto que não se universaliza.

A noção de objeto a abordada por Lacan em seu “O Seminário”, livro 17, “O avesso da psicanálise” (1969-1970/1992), permite-nos pensar a função desse resto que não se universaliza. O objeto a se configura como o resto do processo de alienação à estrutura da linguagem, algo não integrável pelo sujeito que cai como um efeito do próprio funcionamento do discurso.

O real, enquanto aquilo que não se universaliza, passa a compor os restos do processo civilizatório, aquilo que é segregado pelos discursos (1969-1970/1992). Assim, o vazio que se impõe à estrutura do sujeito está também no cerne do laço social, revelando a impossibilidade de um encontro absoluto com o outro, condição que se traduz pelo aforismo “a relação sexual não existe” (Lacan, 1972/1985). Não há nenhuma função que una os dois termos da sexuação. Há algo no Outro que é irreduzível à simbolização, o que faz com que não haja relação entre os sexos (Lacan, 1972/1985). O Outro é uma “alteridade” radical. Se o vazio inerente à inexistência da relação sexual nos condena à insatisfação constante, por outro lado, é ele que nos move em direção ao outro. Veremos como o discurso capitalista, articulado à lógica digital, visa à eliminação da dimensão da impossibilidade inerente ao laço social.

2 O *ETHOS* DIGITAL

A internet e as tecnologias digitais surgem no final do século XX, como um produto da estreita associação entre a tecnociência e o mercado, erguendo em seu entorno um novo padrão cultural, “marcado pela linguagem dos números, logo, cultura digital” (Lima, Berni, Nobre & Vasconcelos, 2024, p. 14). Essa cultura se ergue no apogeu do neoliberalismo, no espírito de época de “crise da democracia”, quando o culto ao empreendedor atinge uma importância quase mítica, e a autoridade absoluta das forças do mercado passa a ser cultuada como a “fonte definitiva de controle imperativo, substituindo a disputa e a deliberação democráticas por uma ideologia de indivíduos atomizados condenados a uma perpétua competição por recursos parcos” (Zuboff, 2020, p. 54).

A impregnação dos traços das tecnologias digitais na cultura nos leva a considerar que um novo *ethos* esteja em vigência na atualidade,

definindo comportamentos, costumes e atitudes em âmbito global (Lima & Nobre, 2023). Trata-se de um novo habitat para o exercício de outros modos de estabelecer laço com o semelhante. A formação de massas no ambiente digital é resultado de uma crescente indução imaginária a partir de parâmetros que se alimentam do constante estímulo ao fornecimento de informação (Lima & Nobre, 2023).

Esse processo é substrato do discurso capitalista que passa a reivindicar algo inédito – e, até aqui, um tanto fora do mercado –, que é a experiência humana privada. Nossos passos na rede, que deveriam se restringir a uma experiência privada, são colhidos pelas plataformas e utilizados como matéria-prima gratuita para a tradução em dados comportamentais que alimentam processos avançados de fabricação conhecidos como “inteligência de máquina” (Zuboff, 2021, p. 22). Por meio de uma relação assimétrica, as plataformas operam de forma velada no manejo de nossos dados e acumulam vastos conhecimentos sobre cada um de nós, sem nos remunerar por nossos dados ou por nosso trabalho.

Os produtos do capitalismo derivados de nosso comportamento na web estão relacionados à predição de nosso futuro com fins mercadológicos, já que os lucros dessa forma de capitalismo derivam desses mercados comportamentais futuros (Zuboff, 2021). Em sua lógica de segmentação de públicos, os algoritmos agregam perfis com comportamentos que são interpretados como similares, contudo o conteúdo do comportamento interessa menos que seus padrões formais. Assim, há uma segmentação dos usuários em mundos personalizados. As plataformas têm uma política que é contrária à democracia liberal, que pressupõe o debate entre diferentes ideias. “Visto que cada usuário recebe dos algoritmos uma internet personalizada, é de se esperar que o ‘mundo real’ em que cada um vive se torne também personalizado” (Cesarino, 2022, p. 110).

As plataformas são planejadas com o objetivo de criar um circuito fechado que tanto alimenta a inclinação individual para uma fusão com o grupo quanto o estimula a compartilhar suas informações pessoais. Assim, os dispositivos algorítmicos passaram a compor um novo modo de governança com efeitos sociais, políticos e psíquicos. O efeito supostamente personalista dos dispositivos digitais, aliado ao excesso de conteúdos e à incapacidade humana de avaliar, julgar e escolher diante desse automatismo acelerado, atua na delimitação do espaço e das opções de interação (Lima & Nobre, 2023).

O fluxo permanente de informações sobre um mesmo assunto contribui

para consolidar a própria visão de mundo, criando a sensação de um consenso artificial. Alienados em circuitos fechados de gozo, nesse ethos digital “algoritmizado”, as massas digitais contribuem para ativar a paixão do ódio dirigida a toda forma diferente de gozo (Lima & Nobre, 2023).

Lacan já nos advertia sobre a universalização introduzida pela ciência promovendo o remanejamento dos grupos sociais, bem como o futuro dos mercados comuns, encontrando seu equilíbrio numa ampliação cada vez mais dura dos processos de segregação (Lacan, 1967/2003a). O conceito de necropolítica nos permite compreender os espaços de exceção em que o poder se endereça à produção da morte e à destruição progressiva de determinados corpos. Com base nas tecnologias de controle das populações que definem o biopoder, o “deixar morrer” se torna aceitável para determinados corpos. O corpo “matável” é aquele que está em risco de morte a todo instante devido ao parâmetro definidor primordial da raça (Mbembe, 2018).

A fase neoliberal do capitalismo global, caracterizada por uma lógica de acumulação por espoliação (Harvey, citado por Morozov, 2018, p. 160), é validada na era digital. As plataformas digitais se convertem cada vez mais em um bloco poderoso, com interesses mercantis ocultos, lobistas e projetos de dominação do mundo (Morozov, 2018). Nesse contexto, a desigualdade social e econômica não só se mantém, como ainda é acirrada. Os pobres, em vez de passarem pelas instituições do Estado de bem-estar social, “parecem habitar um universo *high-tech* de realidade virtual que nem sequer os trata como seres humanos [...]” (Morozov, 2018, p. 161). Esse sistema neofeudal, conduzido pelas grandes empresas de tecnologia, controla quase todos os aspectos de nossa vida “e define os termos do debate político e social mais abrangente” (Morozov, 2018, p. 161).

Além do enorme desemprego ocasionado pelo uso cada vez mais amplo das tecnologias digitais e do desenvolvimento da inteligência artificial, é inegável que o acesso a esses dispositivos se dá de modo desigual na sociedade. Mesmo que se considere a possibilidade de que todos tenham acesso às mesmas tecnologias automatizadas – o que não acontece –, as divisões de classe se mantêm: a automação é de baixa qualidade para os pobres e a tecnologia é sob medida para os ricos (Morozov, 2018).

Não se pode esquecer ainda que a condição estrutural do sujeito é determinante no uso que faz do ambiente digital e na função que a tecnologia tem para ele. Nessa perspectiva, a elisão do real como impossível, proporcionada pelo discurso capitalista, faz desaparecer também a

dimensão do limite, que, ao se fundir com a fragilidade estrutural do sujeito, favorece o fanatismo massivo do laço virtual e acarreta derivas paranoides e persecutórias com consequências devastadoras (Cosenza, 2024).

De todo modo, as plataformas digitais ressoam com a orientação do discurso capitalista, produzindo um efeito narcísico de onipotência imaginária, vinculado à negação do impossível, e, portanto, favorecendo a radicalização das massas, que utilizam os espaços públicos da web como campos de confronto, de batalha e atuam em formas como cancelamento, linchamento e, fundamentalmente, eliminação do diferente.

3 O CONFLITO COMO INERENTE AO LAÇO SOCIAL

Ao abordar a noção de discurso em seu “O Seminário”, livro 17, “O avesso da psicanálise” (1969-1970/1992), Lacan propõe a escrita da própria estrutura da linguagem ordenando o lugar de onde nasce todo discurso e o lugar do Outro significante, para onde todo discurso se dirige. Esses dois lugares mantêm uma condição de alteridade radical. É a partir da interveniência de um significante que representa o sujeito - S1 - sobre o campo do saber - S2 - que se instituirá um laço social, que se define também como discurso. Mesmo que a noção de discurso venha a estabelecer um laço social entre os dois lugares, o do sujeito e o do Outro significante, não produz uma interlocução completa entre eles, não havendo qualquer relação intersubjetiva. Os laços sociais se fundam a partir de uma renúncia à satisfação pulsional (Freud, 1930/2023). Trata-se da própria condição discursiva e de estrutura que institui uma barreira ao gozo, já que nenhum discurso consegue apreender o real.

Os quatro discursos radicais procuram abordar o real da estrutura mantendo sempre uma impossibilidade. O matema dos discursos apresenta uma disjunção entre o lugar da produção e o lugar da verdade, estabelecendo um isolamento do lugar da verdade e fundamentando a consistência do real, que passa a definir a própria condição que causa os discursos. O mal-estar inerente ao laço social é resultante justamente dessa disjunção, sendo dele parte constitutiva. Ao mesmo tempo, é ele que movimenta o discurso.

A partir da noção de objeto a, Lacan articula linguagem e pulsão apontando a dupla vertente do gozo, que inclui a dimensão de perda e a subsequente tentativa de suplementação dessa perda. Os discursos comportam um lugar para o resto de gozo perdido como “efeitos de

rejeição” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 47). Assim, todo discurso tem como efeito a segregação:

Cada discurso tem sua maneira própria de manifestar e de lidar com esse resto que não anda bem, com esse obstáculo para o laço social. A cultura busca aplacar o mal-estar que é de estrutura, aquilo que resiste ao princípio do prazer, mas há sempre algo que escapa à domesticação (Lima, 2024, p. 54).

Além do trabalho da cultura de buscar aplacar o mal-estar estrutural, cada sujeito também deverá encontrar um modo de lidar com essa dimensão alteritária que se apresenta do lugar de extimidade, que diz respeito ao que há de mais singular em cada um e do que há de mais infamiliar. Lacan, em “O Seminário”, livro 10, “A angústia”, retoma a experiência do infamiliar, descrita por Freud em seu artigo sobre esse tema (Freud, 1919/2019), para designar a relação do surgimento da angústia com a presença do objeto a. Segundo Lacan, o infamiliar “é o eixo indispensável para abordar a questão da angústia” (1962/2005, p. 51). A cena da angústia, ao invés de encobrir o real, escancara-o. Há um desvelamento do real na tela (da fantasia) que deveria recobri-lo. Trata-se da alteridade como lugar êtimo, irreduzível à nomeação que se apresenta como infamiliar [*Unheimlich*] para o sujeito e que, por outro lado, é sua causa, ou seja, é o que possibilita que ele se constitua como tal (Freud, 1919/2019). A constituição subjetiva se dá a partir dessa exterioridade radical inassimilável.

Posteriormente, em seu “O Seminário”, livro 20, “Mais, ainda” (1972/1985), Lacan dirá que o objeto a não é mais que uma letra, um objeto que não tem uma imagem e um significante que possam nomeá-lo. Lacan vincula a letra ao real e a descreve como o que há de mais singular de um sujeito. O sujeito precisa encontrar uma forma de tratar o mal-estar inerente à impossibilidade de fazer Um com o Outro. O laço social é, de fato, o que implica certo tratamento da alteridade.

Operando uma lógica distinta, o discurso capitalista busca a eliminação da castração sob a promessa de cura da divisão subjetiva através dos objetos do mercado. É um discurso que suprime a dimensão de impossibilidade, o que não é sem efeitos, como veremos.

4 A SEGREGAÇÃO NO LAÇO SOCIAL

De acordo com as três fontes de mal-estar descritas por Freud (1930/2023), o sofrimento proveniente das relações com outros seres humanos é sentido como o mais doloroso, sendo até certo ponto inevitável. A agressividade primária é responsável por parte do sofrimento humano e constitui

ameaça constante de dissolução do laço social. Os esforços da cultura no sentido de conter essa agressividade se mostram sempre insatisfatórios. Para Freud (1918/1976), um grupo social encontra um escoadouro para a pulsão agressiva sob a forma de hostilidade contra intrusos. Freud nomeia esse fenômeno de “narcisismo das pequenas diferenças” (1918/1976, p. 184). Esse termo foi cunhado pelo autor em 1918, sendo definido como “a hostilidade que em cada relação humana observamos lutar vitoriosamente contra os sentimentos de companheirismo e sobrepujar o mandamento de que todos os homens devem amar o seu próximo” (1918/1976, p. 184).

O narcisismo das pequenas diferenças está na base da constituição do Eu, tendo por função resguardar o narcisismo da unidade. Ao desenvolver a dinâmica própria do estádio do espelho – momento em que o Eu está em formação –, Lacan (1949/1998c) ressalta a existência de uma agressividade interna ao sujeito na constituição do narcisismo: “a agressividade é a tendência correlativa a um modo de identificação a que chamamos narcísico” (1948/1998a, p. 112). O fato de o sujeito ter que passar pelo outro para ter acesso a uma imagem de si mesmo tem como consequência uma ambivalência estrutural, “uma tensão conflitiva interna ao sujeito” (Lacan, 1948/1998a, p. 116). É a identificação primária que estrutura o sujeito como rival de si mesmo e constitui o nó central de toda agressividade.

A coesão de uma comunidade funciona como uma forma de assegurar o narcisismo, sendo o outro percebido como estranho (Freud, 1918/2020). Levado ao extremo, esse funcionamento pode desencadear processos de segregação que revelam a intolerância ao outro. Ao retomar o conceito de “narcisismo das pequenas diferenças”, em 1930, Freud observa que essa agressão, que se põe como obstáculo à cultura, está relacionada à pulsão de morte.

Para Lacan (1948/1998a), ao nascer, a criança está confrontada com uma insuficiência vital em razão de sua prematuridade. Essa insuficiência constitui o motor da libido narcísica. A construção da imagem no espelho visa recobrir esse vazio original, o real pulsional não passível de se simbolizar - e, justamente por isso, não o faz completamente. Assim, o narcisismo, ao ser articulado à dimensão da alteridade como o real inassimilável, indica como no âmago do familiar pode emergir a vivência de estranhamento que horroriza. Aquilo que o sujeito não admite de mais íntimo em si mesmo pode ser tomado como parte do objeto externo ao qual o ódio passa a ser endereçado.

A segregação visa ao gozo, que está na base do ódio. O próximo ocupa

o lugar do outro como detentor de um gozo desconhecido, que pode se tornar hostil, remetendo a um real indizível. O ódio, enquanto paixão do ser, é ilimitado e quer a destruição do ser do outro. Para Miller (2011), a segregação é o ódio ao gozo do outro, à maneira particular com que o outro goza. Fundamentalmente, a segregação é o ódio ao próprio gozo, à alteridade que nos habita em condição de extimidade.

Como vimos, os quatro discursos radicais se fundam a partir de uma impossibilidade radical de fazer Um com o Outro. Nessa perspectiva, não é possível alcançar uma plena harmonia no laço social: a felicidade permanece sem qualquer garantia, a agressividade é estrutural e o mal-estar ineliminável.

A cultura, segundo Freud (1930/2020a), é o que permite ao sujeito transcender a agressividade constitutiva da subjetividade, pois precisa tudo mobilizar para enfrentar essa “inclinação para a agressão, que podemos detectar em nós mesmos, e com razão pressupor nos outros, é o fator que perturba nossa relação com o próximo e obriga a cultura a arcar com seus custos” (Freud, 1930/2020a, p. 364). A cultura seria um processo a serviço de Eros, buscando agrupar indivíduos isolados, apesar de a esse programa opor-se a agressividade derivada da pulsão de morte.

Para Lacan, o que permite ao sujeito transcender “a agressividade constitutiva da primeira individuação subjetiva” é a identificação edipiana (1948/1998a, p. 117), ou seja, uma identificação ao grande Outro em posição de Ideal do eu para o sujeito. Para Lacan (1964/1993), um significante introduz uma perspectiva centrada no ponto Ideal, lugar “de onde o Outro me vê, na forma que me agrada ser visto” (p. 253). Essa identificação simbólica ao Outro em posição de Ideal do eu assume uma função apaziguadora e permite estruturar o imaginário.

Em “O mal-estar na cultura”, Freud (1930/2020a, p. 134) aproxima o Ideal do Eu do Supereu. A instauração interna da autoridade de uma consciência moral dá origem ao Supereu, que passa a agir como uma autoridade vigilante sobre o desejo, fazendo surgir o sentimento de culpa e a necessidade de punição, resultante da interiorização da agressão. Nessa perspectiva, ocorre uma cisão do Eu. A interiorização da agressão é voltada contra o próprio Eu e assumida por parte do Eu que se opõe ao restante, como Supereu. Na forma de “consciência moral”, o Supereu exerce contra o Eu essa mesma disponibilidade rigorosa para a agressão. O sentimento de culpa seria, então, o resultado da tensão entre o Supereu e o Eu que lhe está submetido e se manifesta como necessidade de punição.

O Supereu tem, portanto, um papel regulador por via de sentimento de culpa, para que o sujeito se mantenha em consonância com os ideais sociais. No entanto, quanto mais cedemos a seus imperativos, mais feroz o Supereu se torna.

É preciso interrogar as condições do laço social contemporâneo e sua relação com os conflitos humanos. O declínio progressivo da função paterna e sua articulação com o capitalismo tem proporcionado um enfraquecimento da ordem simbólica. O esvaziamento do papel dessa função paterna como lugar de exceção – que universaliza os indivíduos situando-os como submetidos à castração – promoveu uma mudança discursiva: o mestre antigo perdeu sua condição de agente, sendo substituído pelo saber universitário e pelo mais-de-gozar capitalista. A pulverização dos significantes mestres, sem pontos de basta ou de ancoragem, promoveu a liquidez dos laços. A diversidade de opções, que poderia favorecer a escolha orientada pelo desejo, é submetida à lei do mercado, que as unifica.

No desenvolvimento do discurso capitalista, Lacan (1972/1978) vislumbrou que a lei do mercado viria regular a organização do mundo. O discurso capitalista se organiza com base na promessa de que a realização de toda satisfação individual é possível e desejável. Na escritura desse discurso, verifica-se que ele se organiza numa circularidade completa, suspendendo a impossibilidade entre o lugar da produção e o lugar da verdade. Como consequência, a verdade como não-toda é anulada, deixando de sofrer o efeito da divisão do sujeito. A verdade passa a se constituir em algo capaz de ser “toda” dita. Há uma rejeição da castração.

O saber, separado do sujeito, perde sua relação com o inconsciente, sendo reduzido a um bem de consumo que pode ser adquirido. A transmutação do saber em objeto de consumo produz uma subversão do desejo e altera sua própria relação com o sujeito. Se, na vigência dos quatro discursos radicais, havia uma impossibilidade estrutural de o sujeito ter acesso ao saber e ao objeto causa de desejo, agora o saber passa a ser oferecido como uma promessa de satisfação possível para ele. A cumplicidade entre ciência e capitalismo, segundo Lacan (2008), resulta na constituição do que ele denomina “mercado do gozo”, bem como no mercado de saberes que visam dar conta de todo o real. O saber inconsciente rechaçado no âmbito da ciência moderna se apresenta ainda mais deteriorado diante do maior fluxo de gozo, em virtude do hiperinvestimento na informação no campo digital (Nobre, 2024).

A universalização passa pelas leis do mercado, “por um dever que não o da proliferação dos ideais, mas um dever real do manejo dos meios econômicos” (Soler, 1998, p. 45). No discurso capitalista, o sujeito, ocupando o lugar de agente como consumidor, através da mediação do saber, disponibiliza os meios para a aquisição do objeto mais-de-gozar, para consumi-lo e descartá-lo, obedecendo às leis do mercado. A promoção do objeto a como mais-de-gozar no zênite social (Lacan, 1970/2003b) fez declinar a função do ideal do Eu, determinando um funcionamento social regido por promessas de gozo, que rapidamente tomam a forma de um imperativo superegoico (Lima & Nobre, 2023).

O imperativo de gozo engendra uma lógica marcada por prescrições dos modos de gozar aliados ao mercado e que não passam mais pelos ideais do simbólico, mas pela indução imaginária, isto é, uma indução à conformidade imaginária (Soler, 1998). Esse contexto é inflacionado pelo uso cada vez maior das tecnologias digitais. Diante da falha das funções atribuídas ao ideal do Eu e no lugar da identificação simbólica parcial, surgem as hiperidentidades totalizantes, com sujeitos idênticos a si mesmos e que rejeitam o que não é espelho.

Ao tomar o outro como objeto não de investimento pulsional, mas como produto do discurso capitalista, o modo como o gozo alheio é tratado segue a lógica do “conserta ou joga fora” com que lidamos com os produtos (Vasconcelos, 2024).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DO CONFLITO AO CONFRONTO COM O OUTRO

O tecido social é conflitivo em sua essência, sendo, portanto, ineliminável. O conflito é necessário para a própria subjetivação e envolve a operação significativa das leis da fala e da linguagem, ou seja, a dimensão dialética da vida. Como salienta Domenico Cosenza, “colidir com o Outro é, em todo caso, reconhecê-lo, por mais que se queira combatê-lo, é entrar em relação dialética com ele” (2024, p. 136). O laço social requer o reconhecimento e a sustentação da alteridade irreduzível do parceiro.

A condição para que se possa subjetivar a alteridade do outro é ter uma relação sustentável com a castração. No discurso capitalista, tudo é possível: há uma rejeição da castração, da impossibilidade estrutural e discursiva. Assim, o que esse discurso predispõe “é um circuito de funcionamento do gozo no qual o que é expurgado e negado, no que diz respeito à estrutura do laço discursivo, é a dimensão do impossível” (Cosenza, 2024, p. 130). A

dimensão da alteridade se vê apagada quando tudo parece homogêneo e capaz de entrar no mercado de trocas.

O discurso capitalista associado ao funcionamento das plataformas fomenta circuitos de gozo vinculados ao consumo de objetos do mercado que dão a ilusão de uma autonomia do indivíduo. O efeito personalista produzido pela ação dos algoritmos no ambiente digital reforça a onipotência narcísica. Como observa Morozov, “é muito difícil preservar valores como solidariedade num ambiente tecnológico que prospera com base na personalização em experiências únicas e individuais” (2018, p. 47). É preciso lembrar que o neoliberalismo estende a lógica do mercado para muito além das fronteiras estritas do mercado, em especial produzindo uma subjetividade “contábil” por meio da criação de concorrência sistemática entre os indivíduos (Dardot & Laval, 2016), reforçando o individualismo e enfraquecendo qualquer projeto baseado na cooperação social.

A onipotência narcísica reforçada pelo ambiente digital pode levar a uma recusa ou a uma desconexão com o Outro. Essa desconexão se sustenta, sobretudo, graças ao inchaço provocado pelo investimento libidinal em direção a um narcisismo não regulado pela lei simbólica (Cosenza, 2024). Podemos acrescentar que a desconexão do Outro é facilitada pelo ambiente digital, na medida em que é possível eliminar do quadro de seu ethos digital todo aquele que não se adequa a seu “perfil”.

Vimos que a teorização lacaniana situa a agressividade como uma tendência a um modo de identificação narcísica, que constitui a estrutura formal do Eu (Lacan, 1948/1998a). Nessa perspectiva, a agressividade é analisada a partir da alienação do sujeito à imagem de seu corpo e da ameaça à integridade imaginária. A violência, por sua vez, não se constitui como um conceito propriamente psicanalítico. Em 1957-1958, Lacan defende que a agressividade pode ser simbolizada e ingressar no registro da fala e considera a violência enquanto:

[...] o que há de essencial na agressão, pelo menos no plano humano. Não é a fala, é até exatamente o contrário. O que pode produzir-se numa relação inter-humana são a violência ou a fala. Se a violência se distingue em sua essência da fala, pode colocar-se a questão de saber em que medida a violência como tal - para distingui-la do uso que fazemos do termo agressividade - pode ser recalcada, uma vez que postulamos como princípio que só pode ser recalcado, em princípio, aquilo que revela ter ingressado na estrutura da fala, isto é, a uma articulação significativa. Se o que é da ordem da agressividade chega a ser simbolizado e captado no mecanismo daquilo que é recalque, inconsciência, daquilo que é analisável, e até, de maneira geral, daquilo que é interpretável, é por intermédio do assassinato do semelhante que está latente na relação imaginária (1957-1958/1999, p. 471).

Nesse sentido, a violência se distingue essencialmente da fala. A agressividade, ao ingressar na estrutura da fala, passa a ser simbolizada, sendo sustentada pelo funcionamento da linguagem, enquanto a violência é uma ruptura com a linguagem. A violência estaria associada ao que excede o corpo e que não se inscreve na linguagem. Em 1954, Lacan interroga: “Acaso não sabemos que nos confins onde a fala se demite começa o âmbito da violência, e que ela já reina ali, mesmo que a provoquemos?” (1954/1998b, p. 376). Assim, a violência pode ser tomada como um excesso pulsional que ocasiona a ruptura dos laços sociais (Lima, 2024, p. 50).

Essa distinção pode ser articulada à diferenciação que propomos entre conflito e confronto. Enquanto o conflito pressupõe o pacto social através da palavra, o confronto diz respeito à irrupção violenta que transgride os limites da fala, anulando o laço e o endereçamento ao Outro. A inflação narcísica, não regulada pela lei simbólica, favorece o confronto com o outro – como é observado na ampliação dos discursos de ódio nas redes sociais –, além de uma desregulação do gozo do lado do ato, que pode desencadear o ato violento. O laço social se funda a partir de uma perda de gozo. O discurso capitalista rejeita a castração, portanto não faz laço social, levando à desconexão e/ou ao confronto com o Outro.

No entanto, Lacan (1971-1972/2011) afirma que a castração fez “sua entrada irruptiva sob a forma do discurso analítico” (p. 88). O discurso analítico dá lugar ao que o discurso capitalista pretende suprimir, a impossibilidade: “No discurso analítico, ao contrário, trata-se de dar plena presença à função do sujeito invertendo o movimento de redução que habita o discurso lógico, para nos centrarmos perpetuamente no que é falha” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 47).

O imperativo de gozo instantâneo provocado pelo uso massivo das plataformas digitais pode levar a uma resignação generalizada, a um “adormecimento psíquico” (Berni, 2024), entretanto a potência política da escuta psicanalítica no campo social está em produzir ruídos nessa máquina capitalista digital que se pretende totalizante, desfazendo o fascínio que a envolve, fazendo fissuras nesse campo de certezas e introduzindo a dimensão do conflito na trama discursiva.

REFERÊNCIAS

Berni, J.T. (2024). Adormecimento psíquico na cultura digital: a adolescência

- contemporânea como paradigma do mal-estar de uma época. In N. L. Lima, J. T. Berni, M. R. Nobre, & A. Vasconcelos (orgs.). *O mal-estar na cultura digital: Cenários Clínicos e Políticos* (pp. 21-34). Appris.
- Cesarino, L. (2022). *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. Ubu.
- Cosenza, D. (2024). *Clínica do excesso: Derivas pulsionais e soluções sintomáticas na psicopatologia contemporânea*. Scriptum.
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Boitempo.
- Freud, S. (1996). O tabu da virgindade. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (v. 11, pp. 179-196). Imago. (Trabalho original publicado em 1817)
- Freud, S. (2019). O infamiliar. In: S. Freud, *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. (M. R. S. Moraes, Trad.; pp. 27-126). Autêntica. [Obras incompletas de Sigmund Freud]. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2020a). O mal-estar na cultura. In S. Freud, *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. (M. R. S. Moraes, Trad.; pp. 305-410). Autêntica. [Obras incompletas de Sigmund Freud]. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2020b). Psicologia das massas e análise do Eu. In S. Freud, *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. (M. R. S. Moraes, Trad.; pp. 137-232). Autêntica. [Obras incompletas de Sigmund Freud]. (Trabalho original publicado em 1921)
- Lacan, J. (1978). *Discours de Jacques Lacan à l'Université de Milan le 12 mai 1972, paru dans l'ouvrage bilingue: Lacan in Italia 1953-1978*. Salamandra. (Trabalho original publicado em 1972)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: Mais, ainda (1972)*. (M. D. Magno, vers. bras.; 2. ed.). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)*. (A. Roitman, vers. bras.). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1993). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da*

psicanálise (1964). Zahar.

Lacan, J. (1998a). A agressividade em psicanálise. In J. Lacan, *Escritos*. (V. A. Ribeiro, Trad.; pp. 104-126). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1948)

Lacan, J. (1998b). Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre a "Verneinung" de Freud. In J. Lacan, *Escritos*. (V. A. Ribeiro, Trad.; pp. 369-401). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1954)

Lacan, J. (1998c). O estádio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan, *Escritos*. (V. A. Ribeiro, Trad.; pp. 96-103). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1949)

Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente* (1957-1958). Zahar.

Lacan, J. (2003a). Proposição de 9 de outubro de 1967: sobre o psicanalista da Escola. In: J. Lacan, *Outros Escritos*. (V. A. Ribeiro, Trad.; pp. 248-264). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)

Lacan, J. (2003b). Radiofonia. In: J. Lacan, *Outros Escritos*. (V. A. Ribeiro, Trad.; pp. 400-447). Zahar. (Trabalho original publicado em 1970)

Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963). Zahar.

Lima, N. L., & Nobre, M. (2023). Psicologia das massas e análise do ethos digital. *Revista Humanidades e Inovação*. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/8684>

Lima, N. L. (2024). A violência da máquina de gozo nas massas digitais. In N. L. Lima, J. T. Berni., M. R. Nobre, & A. Vasconcelos (orgs). *O mal-estar na cultura digital: Cenários Clínicos e Políticos* (pp. 47-64). Appris.

Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. N-1 edições.

Miller, J. (2011). *Extimidad: Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain-Miller*. Paidós.

Morozov, E. (2018). *Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política*. Ubu.

Nobre, M. R. (2024). Atualizando o mal-estar no laço digital: da renúncia

ao excesso. In N. L. Lima, J. T. Berni., M. R. Nobre, & A. Vasconcelos (orgs). *O mal-estar na cultura digital: Cenários Clínicos e Políticos* (pp. 35-46). Appris.

Soler, C. (1998). Sobre a segregação. In L. Bentes, & R. Gomes (orgs.) *O brilho da infelicidade*. Contracapa.

Vasconcelos, A. (2024). Os direitos do consumidor: a instrumentalização da intolerância como meio de “justiça” no discurso capitalista. In N. L. Lima, J. T. Berni., M. R. Nobre, & A. Vasconcelos (orgs). *O mal-estar na cultura digital: Cenários Clínicos e Políticos* (pp. 65-80). Appris.

Zuboff, S. (2012). *A era do capitalismo de vigilância: A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder* [e-book]. (G. Schlesinger, Trad.). Intrínseca.